

ELISANGELA COUTO
Mestranda em geografia humana pela
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP – BRASIL
Email: portuscouto@yahoo.com.br

EXISTÊNCIAS E O USO DO TEMPO E ESPAÇO NA CONSTRUÇÃO SOCIOESPACIAIS DO PERÍODO ATUAL – CASO DE IBIÚNA - SP

RESUMO

O artigo é um pequeno esboço de parte do mestrado que está em vias de finalização. A escolha do tema deve-se pelo fato de ser, além de uma análise crítica da realidade, mostrar também que a partir da mudança de mentalidades é possível romper e substituir um modelo socioeconômico baseado no individualismo caracterizado pela acumulação de capital comandado por poucos e controlando a todos. Neste sentido, o município de Ibiúna pode trazer elos de rupturas uma vez que não acompanha integralmente as mentalidades hegemônicas de sua época.

INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento dos lugares diferencia-se conforme as racionalidades pensadas e materializadas pelos sujeitos sociais. Estão inseridos, nesse contexto, os *sujeitos corporativos*¹ e a sociedade civil. Ambos são os produtores da história humana. Tal história não tem um caráter linear e harmônico e, diante disso, seus impactos encontram-se espalhados sob variadas formas nos lugares.

Contudo, a materialização dos importantes *sistemas de engenharia* concentra-se em apenas algumas regiões e, ainda assim, existem dentro destas, seletividades que resultam em manifestações sociais, na medida em que as ações dos *agentes hegemônicos* estão associadas, sobretudo, à racionalidade do mercado.

¹ O termo *sujeitos corporativos* ou *agentes hegemônicos* teve fundamentação nos autores: Max Weber (em que o Estado funciona como empresa) e Milton Santos (agentes hegemônicos). Entende-se como sujeitos corporativos ou *agentes hegemônicos* aqueles que influenciam com maior intensidade, o poder político, normativo, burocrático e econômico. Nestas esferas, estão a legitimidade normativa do Estado e as grandes instituições financeiras e empresariais privadas e públicas.

Num mesmo movimento a operacionalização de outros conceitos da obra de Milton Santos faz-se presente, assim como os dados obtidos no trabalho de campo feito ao longo do mestrado, uma vez que o objetivo do trabalho é entender as funções do município de Ibiúna diante do processo modernizador que traz como característica a racionalidade socioespacial como também as conseqüências destas.

As temporalidades produzem espaços racionais e espaços de contraracionalidades. Nesse sentido o período atual traz o acréscimo da ciência, técnica e informação como característica marcante, porém, como os usos do tempo são diferenciados são criados outros dinamismos sociospaciais com menor poder de atuação. Assim, coexistem num mesmo lugar formas, funções e ações modernas, como também existe a presença de manifestações como as ocupações de prédios, terras, criação de associações coletivas na agricultura etc., que apontam para a necessidade de mudança de mentalidades.

É num par dialético composto por forças políticas e econômicas desiguais que se dá a materialização do espaço. Assim, como as ações sociais, os lugares ganham características particulares na medida em que existe uma divisão territorial do trabalho aonde são materializadas as propostas do período contemporâneo, como também os resultados destas. De certo, haverá lugares em que as densidades técnicas permanecerão mais concentradas, já em outros elas, irão se manifestar com menor intensidade, porém ambas estarão presentes em cada período da história. Dessa forma e em conjunto com os sujeitos sociais, as densidades técnicas e normativas particularizam os lugares.

Nesse sentido, o município de Ibiúna, interior do Estado de São Paulo, torna-se fundamental como objeto de estudo para o entendimento de uma realidade dinâmica e complexa que simultaneamente insere nos lugares ações corporativistas mas em contra partida, como estes não são iguais, respondem diferentemente à contemporaneidade, isto é, são produzidas temporalidades que coexistem entre ritmos acelerados e mais lentos num mesmo lugar.

1.1 - A presença das racionalidades em movimento em Ibiúna – interior do Estado de São Paulo – Brasil

De acordo com as perspectivas dos sujeitos sociais de cada período, os lugares ganham conteúdos próprios e absorvidos de intenções. Em alguns, podemos verificar o contraste entre a modernidade e o total abandono existentes num mesmo lugar, já em outros, temos os tempos mais lentos, porém, não isentos dos mesmos problemas dos grandes centros urbanos. Embora, seja importante afirmar que não há uma dicotomia entre modernidade e atraso, uma vez que se torna subjetivo apontar elementos que estão dissolvidos nas duas categorias. Nesse sentido, pode-se encontrar conteúdos novos nas formas mais antigas e sendo assim, determinada *rugosidade* que se encontra nas paisagens contemporâneas pode apresentar novos conteúdos relacionados com o presente.

A divisão territorial dos lugares é composta por *ações organizacionais*, embora em contra partida existam *solidariedades orgânicas* (DURKHEIM 1995) vividas no cotidiano. Um esforço analítico importante é pensar a Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Ibiúna, como um conjunto materializado de ações cujo um dos objetivos é o fortalecimento e até mesmo a sobrevivência do pequeno agricultor no mercado. Relações desse tipo são consideradas ações orgânicas alternativas que, diante de ações organizacionais impostas pela especialização dos lugares (que o município está sendo chamado a cumprir, como é o caso da expansão do cinturão verde do qual Ibiúna faz parte) dinamizam e coexistem num mesmo movimento do real.

Algumas das ações organizacionais encontram-se nas esferas da norma, economia e política. Voltada para as relações econômicas principalmente com a capital paulista, Ibiúna tem como função o abastecimento de produtos hortícolas, mais exatamente ao Ceagesp, feiras e grandes mercados da capital. Possui relações da mesma ordem, com Campinas, Sorocaba, Jundiaí, Atibaia entre outros. Desse modo, a integração com outros lugares garante-lhe sua inserção num mercado cada vez mais racional que prioriza aspectos da logística, preço, condições do produto etc. Num mesmo sentido, as normas oficiais ou não garantem produtos cada vez mais enquadrados nas regras de organização como por exemplo, as da Ceagesp (programa

de modernização de embalagens), do Ministério da Saúde, da Anvisa etc. Ao pensar em normas não oficiais mas que acabam por obrigar os demais produtores à prática destas, tem-se como exemplo, alguns produtores rurais de Ibiúna que acabam por inserir-se nas novas regras de mercado, uma vez que se não o fizerem, a tendência é o sufocamento do produto.

Tal inserção muda a rotina econômica, política e normativa dos agricultores, uma vez que estes, precisam renovar suas técnicas, na medida em que para conseguir o certificado de qualidade é preciso estar atento ao produto com maior demanda, ao preço, às condições do produto, às condições climáticas, ao transporte, às novas mentalidades envolvidas por produtos orgânicos, à duração e limpeza do produto (utilizando como nova técnica, a hidroponia por exemplo) etc. Assim, no plano da totalidade empírica as racionalidades corporativas e não hegemônicas estão presentes no período contemporâneo.

Com base numa estrutura fundiária de pequenas propriedades voltadas para a horticultura, Ibiúna apresenta manchas do meio-técnico-científico e informacional (MTCI), devido a uma integração complexa, mas em contra partida, este MTCI não atinge Ibiúna e nenhum outro lugar do território brasileiro de forma homogênea e, dessa maneira são produzidos diferentes usos do tempo.

Um melhor aprofundamento nos estudos sobre a seletividade e diferenciação dos lugares, é possível atribuir tais ações às racionalidades corporativas como também àquelas que possuem menor poder de ação (contra-racionalidades) presentes em Ibiúna.

Ao operacionalizar estas categorias², ter-se-ia as contra-racionalidades como locais que corresponderiam às ações horizontais produzidas no cotidiano, enquanto as ações verticais mais pontuais e universais estariam ligadas às racionalidades corporativas, comandos vindos de fora do lugar.

² Ressalta-se que este ensaio é uma tentativa de operacionalizar conceitos importantes para o entendimento daquela realidade, embora tal exercício possa parecer mecânico. Para escapar de um mecanicismo é importante apontar que as contra-racionalidades podem vir a ser racionalidades hegemônicas, se estas ganharem poder político, econômico e socioespacial.

Destacam-se dois tipos de racionalidades: o primeiro tipo são as *hegemônicas* ou *corporativas* estão associadas às ações dos sujeitos corporativos e materializadas nos fluxos e fixos que se instalam nos lugares e traduzem com isso um conjunto de ideologias ou o que Milton Santos (1997: 2002) chama de *psicosfera* e *tecnosfera*, conceitos que se interrelacionam³:

“Ao mesmo tempo que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicosfera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicosfera, reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas – tecnosfera e psicosfera – são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas” (SANTOS, 1997: 204).

O segundo tipo de racionalidade é aquela que atua nos lugares com maior lentidão por não estarem totalmente integrados como *espaços luminosos* por apresentarem um conjunto de fatores com ritmos diferentes. Importante ainda lembrar que num mesmo lugar existe a possibilidade de encontrar os dois tipos de racionalidades, como é o caso de Ibiúna.

A idéia de racionalidade no sentido mais amplo, discutida por (Max Weber ⁴ 2000) e ampliada por (Habermas 1968), nos fornece a possibilidade de operacionalidade para se entender o momento em que as ações passam a ser instrumentalizadas.

Quando se opta pela aplicação do conceito de *racionalidade* vista como um fim, em (Habermas 1968), são encontrados principalmente dois tipos: a racionalidade feita *por cima* é aquela que impõe seus ritmos às estruturas tradicionais, enquanto a outra racionalidade, feita *por baixo* é a que sofre esta imposição e se vê obrigada a

³ Interessante lembrar que a psicosfera não está restrita aos agentes hegemônicos apenas. Pode também estar associada aos agentes não hegemônicos.

⁴ Em Weber (2000) a racionalidade ocidental teve início com a criação das instituições modernas, como o Estado por exemplo. As bases desta sociedade estão estruturadas no utilitarismo racional econômico e político que condicionam a ação dos indivíduos. Diante disso, o Estado tem papel fundamental, na medida que é ele o agente burocrático e administrativo regulador das ações sociais.

modernizar suas estruturas econômicas, sociais e culturais para atender as demandas sociais. Ao pensar no país, estados, municípios, a idéia de Habermas, (das racionalidades feitas por baixo) fornece elementos de uma divisão do trabalho, sobretudo, das funções que os lugares foram chamados a cumprir diante do processo de modernização e desenvolvimento econômico que não atinge a todos igualmente.

Nesse sentido, as racionalidades corporativas apontam caminhos para Ibiúna, assim como para outros municípios do território brasileiro, tornando-os funcionais na medida que é vasto os ideais da modernização. Por outro lado, as racionalidades não hegemônicas materializam no espaço, suas *existências* de sobrevivência no mundo moderno. As racionalidades não se limitam na esfera econômica e política, estão na esfera da cultura e da religião. Um exemplo em Ibiúna, é o caso das festas religiosas que traduzem as manifestações do sagrado e do profano em que ambos encontram-se num mesmo ambiente. Ao falar das festas na urbanização de Rondonópolis (MT) Suzuki (1996), aponta sua massificação ao serem apropriadas pela mercantilização, enquanto em outros tempos eram vistas como momentos de encontros, elas foram perdendo seus significados originais. Esta idéia também pode ser colocada para outros pontos do Brasil, como é o caso das cidades históricas, políticas e daquelas que atraem os turistas pelos potenciais naturais.

Há outra forma de operacionalizar importantes conceitos na tentativa de se entender a realidade de Ibiúna. Realidade esta que não está descolada dos outros lugares pois é produto e produtora das ações sociais contemporâneas. Nesse sentido, a questão das temporalidades demonstra ser campo fértil no entendimento do real.

1.2 - As condições objetivas e as temporalidades do período atual

Os conceitos de *tempo lento* e *tempo rápido* (Santos 2005) são outro referencial teórico para representar o dinamismo das relações socioespaciais. Na contemporaneidade há preocupações em tornar o espaço racional para determinados fins políticos e econômicos mas este processo é negligencia sujeitos sociais e lugares. Assim, os lugares são enxergados com seus potenciais econômicos, sem contudo analisar quais as prioridades dos sujeitos sociais envolvidos naquele espaço. Num movimento dialético em que o tempo lento é produto do tempo rápido (tempo das racionalidades corporativistas) são construídas coexistências que disputam de um lado, a sobrevivência e do outro, a consolidação de uma ordem previamente estabelecida.

De certo, há em Ibiúna diversos usos do tempo e espaço que assumem formas e funções referentes às necessidades principalmente econômicas e por outro lado, incorpora hábitos e formas antigas da história do município, como é o caso das olarias, das casas comerciais e da igreja, esta que fora por um longo tempo a administradora da vida pública não somente de Ibiúna como dos municípios mais antigos do Brasil.

Sendo assim, embora Ibiúna não esteja num grande movimento econômico agrícola acelerado pelas racionalidades corporativas (como é o caso dos grandes cultivos voltados para as exportações) por outro lado, contribui com uma rede de relações socio-econômicas dentro da sua região administrativa como também para o Estado de São Paulo e para o país.

Assim, as paisagens são conteúdos cristalizados das condições objetivas⁵ do passado como do período atual. Ao mesmo tempo num mesmo lugar, são encontrados objetos técnicos de última geração, voltados quase sempre para minimização de custos e maximização de lucros, por outro lado existem os espaços não hegemônicos em que a racionalidade possui lógicas mais modestas daquelas voltadas para o exterior. Num movimento particular Ibiúna contribui para o fortalecimento da economia nacional em

⁵ Sartre discute a questão da liberdade individual no âmbito da dialética. Desse modo, o indivíduo é livre, porém, nas condições objetivas que lhe são dadas e, nesse sentido há uma limitação da liberdade na medida em que o indivíduo é produto da história (condições objetivas) mas é também seu produtor. SARTRE, Jean. P. *Situations*. Paris: Gallimard, 1947.

que a paisagem começa possuir pontos de mercantilização e em contra partida a existência de tempos mais lentos também está presente.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No atual momento contemporâneo em que o espaço e as ações tornam-se cada vez mais racionais, devido o acréscimo da ciência, técnica e informação, outros usos do território estão presentes. São formas construídas por agentes hegemônicos que procuram sobreviver a uma visão que lhes impõem técnicas, normas e políticas elaboradas por racionalidades corporativistas. Com isso, coexistem num mesmo lugar usos do tempo diferenciados de acordo com agentes com maior ou menor grau de poder. As diversas solidariedades configuram novos conteúdos ao espaço geográfico. Nessa ordem, os homens e lugares expressam movimentos sociais com múltiplos usos do tempo e assim registram na paisagem a cada momento histórico, mentalidades em que as com maior força permanecerão no futuro, talvez com funções diferentes daquelas exercidas na atualidade.

Um movimento importante a ser discutido é aquele em que os sujeitos hegemônicos, uma vez despertados do pesadelo em que se encontravam começam a questionar um futuro diferente do presente e assim as práticas voltadas em relação ao uso do tempo e espaço possam servir a todos e não a uma parcela específica da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURKHEIM. Émile. *A divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HABERMAS. Jürgen. *Técnica e Ciência como 'ideologia'*. Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo - razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.

SARTRE. Jean. P. *Situations*. Paris: Gallimard, 1947.

SUZUKI. Júlio César. *De Povoado à Cidade: a transição do rural ao urbano em Rondonópolis*. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo – USP, 1996.

WEBER. M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, vol. 1 e 2, 2000.